

PALMYRA WANDERLEY: VIDA E OBRA DE UMA PIONEIRA DA LITERATURA E DO FEMINISMO NO RIO GRANDE DO NORTE

PALMYRA WANDERLEY: THE PIONEER'S LIFE AND LEGACY OF LITERATURE AND FEMINISM IN STATE OF RIO GRANDE DO NORTE

PALMYRA WANDERLEY: VIDA Y OBRA DE UNA PIONERA DE LA LITERATURA Y DEL FEMINISMO EN RIO GRANDE DO NORTE

MARTINS, Rodrigo Nóbrega
rodrigo.nmartins97@gmail.com
<http://orcid.org/0000-0001-8930-610X>
UFCA – Universidade Federal do Ceará
DOI 10.5281/uv.v1i02.134

RESUMO

Este artigo apresenta uma revisão de literatura sobre a vida e obra de Palmyra Wanderley, destacada escritora e jornalista potiguar do início do século XX. Reconhecida como uma das primeiras vozes femininas a se firmarem na imprensa e na literatura do Rio Grande do Norte, Palmyra desempenhou um papel significativo na consolidação de espaços culturais para as mulheres de sua época. Com base em estudos de autores contemporâneos e documentos históricos, o trabalho explora as contribuições da escritora no contexto da literatura modernista, no fortalecimento da imprensa local e do feminismo nascente.

PALAVRAS-CHAVES: Palmyra Wanderley, Literatura, Feminismo, Rio Grande do Norte.

ABSTRACT

This article presents a literature review about Palmyra Wanderley's life and legacy, renowned writer, and journalist from Rio Grande do Norte in the beginning of century XX. Knew as the first feminine voice to settle in the press and literature from Rio Grande do Norte, Palmyra performed a significant role in the consolidation of cultural spaces for women of her time. Based on contemporary authors and historical documents, this article explores the Palmyra's contributions in the context of modernist literature, strengthening of local press and nascent feminism.

KEYWORDS: Palmyra Wanderley, Literature, Feminism, Rio Grande do Norte.

RESUMEN

Este artículo presenta una revisión de la literatura sobre la vida y obra de Palmyra Wanderley, reconocida escritora y periodista brasileña de principios del siglo XX. Conocida como una de las primeras voces femeninas en consolidarse en la prensa y la literatura del estado brasileño de Rio Grande do Norte, Palmira jugó un papel importante en la consolidación de espacios culturales para las mujeres de su tiempo. A partir de estudios de autores contemporáneos, este artículo explora los aportes del escritor en el contexto de la literatura modernista, en el fortalecimiento de la prensa local y el feminismo naciente.

PALAVRAS CLAVE: Palmyra Wanderley, Literatura, Feminismo, Río Grande del Norte.

1 INTRODUÇÃO

A despeito do desconhecimento do público geral, o estado do Rio Grande do Norte, desde longa data, esteve marcadamente imbuído do movimento feminista. Desde o Brasil-

Colônia, com a índia Clara Filipa Camarão, hoje havida como heroína nacional, que lutou contra as invasões holandesas naquela região em meados do século XVII, até Celina Guimarães Viana, professora e primeira eleitora registrada ainda em 1928 na cidade de Mossoró; junta-se ao denodado elenco Luíza Alzira Teixeira Soriano, primeira prefeita eleita na América Latina, até os dias atuais, além da professora Débora Seabra, que se tornou a primeira professora brasileira portadora da Síndrome de Down.

Acrescenta-se a esta excepcional galeria Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, educadora, escritora e poetisa brasileira, primeira na educação feminista no Brasil, com protagonismo nas letras, no jornalismo e nos movimentos sociais. Defensora de ideais abolicionistas, republicanos e principalmente feministas, posicionamentos absolutamente inovadores em sua época, primeira metade do século XIX. Nísia influenciou decisivamente a prática educacional brasileira, rompendo limites do lugar social destinado à mulher.

Mas, se este notado movimento se deu com contundência na política e na educação, também o fez com fortes matizes no campo das letras. Especificamente, desde meados do século XIX, através de livros e publicações em periódicos, pôde-se registrar a atividade de mulheres que, insatisfeitas com a situação ditada por um quadro social patriarcal e machista, fizeram da escrita, arma de luta em favor de seus ideais e de seus direitos.

Isto posto, constitui foco deste estudo, as atividades de Palmira Guimarães Wanderley, figura de protagonismo e destaque cultural na cena norte-rio-grandense, uma das fundadoras das revistas *Via-Láctea* e *Aurora* e uma das pioneiras no cenário nacional brasileiro em defender uma nova posição para a mulher através da imprensa potiguar.

Justifica-se a presente pesquisa o fato de que os movimentos feministas manifestos em publicações jornalísticas no período em questão - primeira metade do século XX - são de inatacável importância porque atestam a origem de um movimento de muita relevância social. Esta relevância impulsiona-nos à propositura deste sistemático estudo, a ser desenvolvido por meio de análise direta da personagem, bem como de seus escritos no gênero em questão, que, indubitavelmente, são relevantes não somente para a historiografia cultural potiguar, mas para a sociedade brasileira.

Caracteriza-se a presente pesquisa como uma revisão de literatura de natureza narrativa. Oferece-se, assim, uma abordagem descritiva e abrangente, que apresenta um panorama geral do tema. Segundo Gil (2002), a revisão de literatura "permite ao pesquisador situar-se no campo científico e entender o estado atual do conhecimento sobre o tema". Para Lakatos e Marconi (2003), a revisão de literatura desempenha um papel estratégico na construção do referencial teórico, sendo indispensável para a formulação de hipóteses e a definição de objetivos de pesquisa.

Recorre-se, para tal, aos diversos materiais de natureza virtual publicados na internet, entre os quais, artigos científicos, dissertações de mestrado, teses de doutorado, livros e *sites* que tratem do assunto e que demonstrem critério histórico e compromisso com a verdade biográfica.

As revisões de literatura são uma tipologia de pesquisa científica, com roteiro de procedimentos próprio e possibilitam – se realizadas com comprometimento - uma compreensão aprofundada sobre determinado campo teórico de uma área de conhecimento. A metodologia utilizada neste trabalho é de natureza teórica, ou seja, baseia-se em autores que discutem e problematizam sobre temática de pesquisa.

O objetivo geral é conhecer as atividades desenvolvidas por Palmyra Wanderley. São objetivos específicos: (1) conhecer principais dados biográficos; (2) conhecer a atividade cultural e militante da autora na seara do feminismo; (3) conhecer sua atividade como escritora e sumarizar suas principais obras.

A hipótese inicial aponta no sentido de que, malgrado sua preponderância na historiografia brasileira e importância cultural no cenário potiguar, seu legado passa por uma desvalorização e um esquecimento, marcas constantes do baixo nível cultural do povo brasileiro ao longo das gerações.

2 PALMIRA GUIMARÃES WANDERLEY: ORIGEM

Palmyra Wanderley é uma figura central na literatura engajada do Rio Grande do Norte, considerada continuadora de Nísia Floresta e uma das pioneiras a dar voz às lutas feministas no cenário cultural brasileiro no campo das letras. Eis porque pode-se, sem receio

de equívoco, afirmar que Palmyra protagoniza o que mais tarde seria conhecido como jornalismo feminista.

Nascida em Natal, no ano de 1894, em uma época em que o espaço literário era predominantemente masculino, Palmyra se destacou pela sensibilidade de sua poesia e pela força de sua atuação cultural, consolidando-se como uma das mais importantes escritoras do Modernismo potiguar. Filha de Celestino Carlos Wanderley e d. Ana de Freitas Guimarães Wanderley; irmã do poeta Jaime Guimarães Wanderley, Palmyra descende de uma família de grande tradição cultural. "Filha, irmã, sobrinha e neta de poetas, descendente de uma geração inteira de familiares a Apolo, Palmyra não escapou das sete cordas da lira" (CASCUDO, 1998, p. 37).

Também Cascudo (1998) informa que Palmyra estudou por muitos anos em uma instituição religiosa: Colégio da Imaculada Conceição, dirigido pelas Irmãs Doroteias e, dado o rigorismo da época e da instituição, não pôde ter acesso a certas leituras consideradas subversivas inclusive do ponto de vista sexual. Vale lembrar que a esta época, "O Primo Basílio", publicado em Portugal em 1878, já havia chegado ao Brasil, causando alvoroço nas moças e revolta nos genitores. Obras congêneres, como "O Ateneu", de Raul Pompeia e "A carne", de Júlio Ribeiro, ambos de 1888 eram tanto procuradas quanto perseguidas. E se o rigor institucional das irmãs Doroteias afastou Palmyra destas leituras, não a pode afastar das lições espontâneas da vida e da natureza que quebraram a moldura pétrea que a religião tentou construir-lhe.

Como resultado de sua formação humana e a despeito do que a educação religiosa tentou impor, já em 1914, contando 20 anos, Palmyra mantém sua própria revista: Via-Láctea. Em 1918 lança "Esmeraldas", livro de poesias. Poucas mulheres, nesta época obtiveram esse *status quo*.

Sua obra reflete um lirismo intimista, que explora temas como o amor, a solidão, a passagem do tempo e as contradições da existência humana. Sua lavra guarda uma das grandes contribuições da poesia potiguar, apresenta um estilo que transita entre o simbolismo e o modernismo, o que demonstra sua capacidade de dialogar com as principais correntes literárias de sua época. Em 1929, publica "Roseira Brava", obra sobre a qual Júlio Ribeiro diria:

"Não sou dos que acham poesia em todos os poetas, mas na Roseira Brava descobro tudo quanto nos possa impressionar em matéria de versos" (*apud* Filho, p. 195, 1983).

Palmyra Wanderley "conseguiu captar as inquietações de seu tempo sem perder o toque pessoal e a universalidade de seus versos" (GURGEL, p. 46, 2006). Além de poetisa, teve um papel significativo na formação de um campo cultural no Rio Grande do Norte. Participou ativamente de círculos literários e contribuiu para a consolidação da cena literária local, influenciando outros escritores e incentivando o surgimento de novas vozes.

Palmyra Wanderley também é lembrada por sua correspondência e escritos inéditos, que revelam uma intelectual de pensamento crítico e visão inovadora. Para Cascudo (p, 85, 1996), contemporâneo da autora, Palmyra representava "a força delicada, mas inabalável, da literatura feminina potiguar", sendo uma inspiração tanto pelo talento quanto pela perseverança.

Seu legado ultrapassa a esfera local, reafirmando a importância de reconhecer vozes que moldaram a literatura brasileira, mesmo diante de desafios sociais e culturais. Palmyra Wanderley é, sem dúvida, uma figura que merece ser redescoberta e celebrada como uma pioneira, uma artista que capturou as complexidades da alma humana com a simplicidade e a profundidade de sua poesia.

3 O CONTEXTO HISTÓRICO, LITERÁRIO E O CENÁRIO DA IMPRENSA BRASILEIRA NOS QUAIS SURGE A ATIVIDADE DE PALMYRA WANDERLEY

O início do século XX foi um período de intensas transformações no Brasil, marcado pelo fim do império e a consolidação da república. O êxodo rural intensificava-se. Nas cidades, cresciam as favelas. No campo cultural, vivia-se um momento de efervescência artística e literária, impulsionado por movimentos como o Modernismo, que buscava romper com as tradições e os padrões estéticos em vigência na Europa e adotar novas perspectivas ao fazer artístico brasileiro. Esta revolução estética estava presente nas artes plásticas, nas artes cênicas e, muito propriamente, na literatura.

No cenário mundial, a efervescência na arte da escrita não era menos intensa. Autores como James Joyce (*Ulisses*) e Virginia Woolf (*Mrs. Dalloway*) exemplificam a

renovação literária, enquanto artistas como Picasso e Dalí transformaram as artes visuais de maneira vertiginosa e quase inacreditável.

Mas a efervescência cultural do início do século XX também pode ser vista como uma resposta ao sentimento de inquietação diante das rápidas mudanças e das incertezas que o futuro reservava. Neste sentido, a arte e a literatura se tornaram meios de expressão e resistência, mostrando que o período foi tão desafiador quanto inovador.

Como destaca Berman (1982), havia uma forte necessidade de entender as profundas transformações que moldavam a sociedade. Foi nesse contexto que Palmyra Wanderley emergiu como uma das principais vozes da literatura potiguar, enfrentando as barreiras impostas a mulheres em uma sociedade profundamente patriarcal.

No Rio Grande do Norte, a literatura do período estava em ascensão, mas era ainda inteiramente dominada por homens, com figuras como Augusto Severo e Luís da Câmara Cascudo assumindo o protagonismo das letras. Apesar desta situação desigual, a cidade de Natal, embora distante dos grandes centros literários como Rio de Janeiro e São Paulo, mostrava-se uma terra fértil para escritores que desejavam expressar suas inquietações e dialogar com as tendências nacionais.

Foi nesse cenário que Palmyra Wanderley, escritora ainda em formação despontou, desafiando as convenções de gênero e conquistando seu lugar na literatura. Eustáquio (p. 26, 2015) informa-nos que “em 1918 com 24 anos de idade, publicou o primeiro livro, 'Esmeraldas'. Nele havia sonetos, trovas e outros poemas”. A obra tem uma linha romântica que revela uma escritora jovem, ainda ingênua e sem um estilo próprio amadurecido no qual perdura uma exploração de seu eu, sem qualquer preocupação social.

Os poemas, segundo Duarte e Macêdo (2001), apresentam um eu lírico sofrido e extremamente sentimental. Ainda assim, a obra merece destaque pelo simples fato de ter sido publicada em uma época em que vigorava uma resistência ao adentrar feminino em círculos que até então eram de unanimidade masculina. Em um momento em que a educação feminina ainda era limitada e o papel da mulher era restrito ao ambiente doméstico, Palmyra conseguiu usar a publicação de sua poesia como meio de afirmação do feminino diante de arbitrárias e antiquíssimas imposições sociais. Eis porque, mesmo que no começo de sua

carreira, ainda que de forma indireta, sua obra capturava os sentimentos de sua geração, mas também denunciava, de forma sutil, a alienação das mulheres no espaço literário e cultural.

Outro ponto que merece destaque no contexto do surgimento de Palmyra é que o Brasil vivia a Primeira República (1889–1930), também chamada de “República do Café com Leite”. Foi um período de instabilidade política, com uma elite oligárquica no poder e profundas desigualdades sociais. Carvalho (1987), argumenta que o povo esteve excluído das decisões políticas, sendo visto como espectador passivo do cenário político. Fausto (1994) corrobora ao afirmar que o período foi essencialmente "uma república das oligarquias", sem um projeto de nação que incluísse as massas populares.

Neste contexto, explodem as revoltas. Movimentos como a Revolução Federalista (1893-1895) no Rio Grande do Sul e a Revolta da Vacina (1904) no Rio de Janeiro são exemplos de como o governo central enfrentava dificuldades para controlar as diferentes forças regionais. Revoltas rurais como a de Canudos (1896-1897), liderada por Antônio Conselheiro, e a do Contestado (1912-1916) já haviam demonstrado o abismo entre as elites urbanas e as populações camponesas. Para Prado Júnior (1945), essas insurreições refletem o descontentamento de comunidades inteiras que eram marginalizadas pelo modelo econômico e político vigente.

No campo artístico, porém, houve avanços, como a fundação de academias de letras e jornais literários regionais em vários pontos do país. Sodré (1966), destaca que a imprensa cultural manifesta por meio de inúmeros periódicos artesanais do começo do século XX ajudou a consolidar o pensamento crítico da elite intelectual brasileira. Saliba (2002), embora enfoque a questão dos periódicos vigentes no período pela via do humor e da caricatura corrobora com os postulados de Sodré. Toledo (1999) destaca que a imprensa foi um motor de transformação da época, trazendo ideias polêmicas e muitas vezes pouco aceitas.

No Rio Grande do Norte, revistas culturais e jornais eram veículos importantes para a divulgação de trabalhos literários. Palmyra participou ativamente desse movimento, publicando em periódicos locais, como A República, A Ordem, Folha da Tarde, Diário de Natal, Tribuna do Norte e interagindo com outros intelectuais da época, como Luís da Câmara Cascudo.

Esse contexto histórico e cultural, de modernização gradual e de debates entre regiões e gêneros, moldou a obra de Palmyra Wanderley. Enquanto o Brasil ainda buscava sua identidade cultural, especialmente após a Semana de Arte Moderna de 1922, Palmyra construiu uma poesia que equilibrava o regional e o universal, o tradicional e o moderno. Sua coragem de escrever em um mundo hostil à expressão feminina, somada à qualidade de sua obra, faz dela uma espécie de herdeira do protagonismo feminino de Nísia Floresta na sociedade potiguar.

Assim, Palmyra não apenas marcou seu tempo, mas também ajudou a abrir caminhos para que outras mulheres reivindicassem o direito à voz e à criação em uma sociedade que ainda engatinhava no reconhecimento da igualdade de gênero. Sua história é, ao mesmo tempo, um testemunho das dificuldades enfrentadas pelas mulheres do período e um exemplo de superação e talento em meio a um cenário adverso.

4 AS CONTRIBUIÇÕES DE PALMYRA WANDERLEY NO CONTEXTO DOS AVANÇOS FEMININOS NA SOCIEDADE POTIGUAR

Perenemente no decurso histórico, verifica-se grande quantidade de discursos, teorias e visões que apregoavam a valorização da mulher, baseados, exclusivamente, em sua capacidade de reprodução, o que, a bem da verdade, não é uma valorização. Mesmo em sociedades tomadas à guisa de cânones da valorização do feminino, como no caso da Grécia, tem-se registro de que a mulher fora regularmente desvalorizada e desprestigiada em relação ao masculino.

Aristóteles (2002) afirmava que a mulher era “um homem incompleto”, caracterizada pela passividade e incapacidade de racionalidade plena. Tal concepção foi influente e perdurou por séculos, sendo reforçada pelo pensamento escolástico medieval. Armstrong (1993), responsabilizando por tal *status* social as religiões, argumenta no mesmo sentido. Beauvoir (1949) analisa que a mulher foi historicamente definida como “o outro”, sempre em relação ao homem, que ocupava e ainda ocupa o lugar de destaque social.

As valorosas mulheres que ousaram questionar este infundado e arraigado preconceito fizeram também, tacitamente, a opção de sofrerem violências de homens e mulheres de seu tempo em benefício de gerações que elas mesmas não alcançariam. A

primeira figura potiguar a lançar-se nesta luta foi Nísia Floresta. Palmyra, embora não tenha mergulhado na questão de forma tão aguerrida como sua antecessora, não deixou de lado tal refrega.

Quando Palmyra desponta no universo literário e intelectual potiguar, encontra um cenário não somente masculino, mas machista. E apesar de medir o nível das dificuldades que encontraria, resolve adentrar também no campo de lutas por igualdade de sexo. Em sua análise sobre a obra de Palmyra, Duarte (2003) ressalta que suas conquistas abriram caminhos para que outras mulheres ocupassem espaços na literatura, num período em que o mundo literário era ainda profundamente excludente.

Ao chamar para si a responsabilidade de tais questionamentos, Palmyra mostra que está em sintonia com o que acontece nos principais centros mundiais e, sobretudo, em sintonia com figuras como Susan B. Anthony, Elizabeth Cady Stanton, Bertha Lutz e Patrícia Galvão. Além disso, ao se tornar uma figura que questiona os papéis tradicionais atribuídos às mulheres em sua época ajuda a abrir caminhos para que outras pudessem reivindicar espaços na sociedade potiguar.

Vivendo no início do século XX, período em que as mulheres ainda lutavam para sair do confinamento doméstico e conquistar participação ativa nos campos cultural, político e social, Palmyra destacou-se como uma voz firme e sensível, cujas ações e escritos ecoaram além das páginas de seus livros.

Essa sua luta por igualdade de sexo está presente no seu fazer literário, mas não seguindo a linha tradicional que as reivindicações feministas adotariam como *práxis* ao longo do tempo. Se em seus poemas, Palmyra abordava temas como as emoções humanas, também vai com precisão ao cotidiano feminino e às limitações impostas pela sociedade patriarcal, refletindo as angústias de uma geração de mulheres que começava a questionar os valores que as subordinavam. Essa produção literária, embora não explicitamente feminista em seus moldes teóricos, foi uma contribuição significativa para a visibilidade das mulheres como agentes de produção cultural. Nesse sentido, a própria figura de Palmyra, uma mulher que ganhava seu próprio dinheiro na mesma época em que Woolf (1929) argumenta sobre a necessidade de independência financeira e intelectual das mulheres já é desafiador.

Palmyra atuava em um cenário em que as mulheres potiguares começavam a se destacar em várias frentes, como a educação e o jornalismo. Sua presença nos círculos intelectuais de Natal, uma cidade em expansão cultural, contribuiu para fortalecer a posição feminina em um ambiente ainda dominado por homens. Participando de revistas literárias e jornais, Palmyra incentivou outras mulheres a expressarem suas vozes, mostrando que era possível transpor as barreiras sociais por meio da arte e da palavra.

Ela representava, para muitas mulheres da época, a possibilidade de ser mais do que espectadoras em um mundo que lhes era fortemente restrito. Sua presença em debates culturais e sua capacidade de dialogar com figuras importantes do cenário intelectual, como Luís da Câmara Cascudo, mostram que ela ocupava espaços estratégicos na construção de uma sociedade mais inclusiva.

No contexto potiguar, Palmyra integrou um movimento maior de mulheres que, ainda que em silêncio ou de maneira sutil, contribuíram para questionar a exclusão feminina de setores fundamentais da vida pública. A influência de sua obra literária e de sua trajetória como escritora é parte de um legado que preparou o terreno para as conquistas femininas nas décadas seguintes, como o acesso à educação superior, a presença em cargos públicos e a produção cultural em paridade com os homens.

Palmyra Wanderley, ao superar os limites de sua época, provou que as mulheres podiam ser protagonistas de suas próprias histórias. Sua obra e sua vida continuam sendo uma inspiração para que as novas gerações de mulheres potiguares sigam transformando a sociedade e ampliando os horizontes da igualdade de gênero. Em um tempo de tantos desafios, Palmyra permanece como um exemplo da força que a arte e a determinação feminina possuem para construir uma sociedade mais justa e plural.

5 PALMYRA WANDERLEY E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A IMPRENSA POTIGUAR

A imprensa potiguar nesse período apresentava perfis variados; assuntos voltados para a divulgação de ideais modernizantes, promovendo debates sobre educação, urbanização e os valores republicanos tinham grande espaço. Publicações como *A República* e *O Potyguar* foram relevantes tanto no registro dos acontecimentos históricos quanto na consolidação da identidade cultural potiguar por meio do enfoque de assuntos políticos. Já

revistas como *A Cigarra e Fôlha Literária* apresentavam uma abordagem mais voltada para os valores literários. A aceitação desses periódicos não era pequena, levando-se em conta a tecnologia da época. A confecção destas revistas implicava muito trabalho.

Albuquerque Júnior (1999) destaca que a imprensa do período contribuiu para a construção de um imaginário regional, enfatizando as singularidades da cultura potiguar em um contexto de afirmação do Nordeste como região distinta.

Além de sua colaboração para a literatura, por meio da poesia, Palmyra Wanderley também deixou um legado significativo na imprensa potiguar. Atuando em um momento de efervescência cultural e política no Rio Grande do Norte, ela utilizou as páginas das revistas e jornais como plataformas para promover ideias, valores e debates relevantes, especialmente no que se refere à valorização da produção artística e à ampliação dos espaços ocupados por mulheres no cenário cultural.

Entretanto, por estas últimas de suas ideias, consideradas avançadas para a época, seu espaço nas revistas e jornais diversos tendia a diminuir. A solução para que suas ideias pudessem ganhar o terreno público sem qualquer tipo de censura dos redatores veio com a criação de suas próprias revistas. Destacam-se, nesse sentido, a *Revista Via-Láctea* e a *Revista Aurora*, marcos importantes para a divulgação de talentos locais, o incentivo à leitura e a defesa dos direitos femininos.

Em 1914, Palmyra idealizou, organizou e dirigiu, juntamente com sua prima, Carolina Wanderley, uma revista feminina pioneira, “Via Láctea”, periódico que circulou até 1915 e trazia colaborações de mulheres escritoras do Estado. Nessa revista, bradavam seu grito de liberdade contra a sociedade machista e opressora da época. O órgão literário, daria impulso significativo à carreira da jovem poeta que, como já dissemos, publicou o seu primeiro livro de poemas em 1918, e daria início a uma longa produção literária, num curto espaço de tempo (GONZAGA, 2018).

A *Revista Via-Láctea* foi uma de suas iniciativas mais notáveis. Tinha um caráter inovador, oferecendo um espaço para escritores locais apresentarem suas produções literárias, além de publicar ensaios e crônicas que dialogavam com as questões culturais e sociais da época.

Em Natal assola atualmente a febre dos jornais. Raro é o domingo que a voz dos garotos não nos anuncia um novo jornal. Foi participando dessa

influência da época, que uma noite convidei a Myriam, para fundarmos um jornal: seria manuscrito e apenas sairia aos domingos que nós mesmas leríamos (VIA-LÁCTEA, n. 1, nov. 1914, p. 4).

Era um veículo que refletia a preocupação de Palmyra em dar visibilidade à cultura potiguar e em criar um ambiente que fomentasse o desenvolvimento intelectual na região. Sobretudo porque o momento era propício. A cidade de Natal fervilhava de pequenas revistas e jornais. A própria Palmyra atesta o fato no número inaugural da revista Via-Láctea que foi posto em circulação em novembro de 1914. Na ocasião, Palmyra assina como Fanette, pseudônimo de Carolina Wanderley, sua prima. Ela revela aos seus leitores como surgiu revista:

Os jornais serviram como meio importante para a troca de ideias e informação entre as classes letradas. No século XIX, e em direção ao século XX, proliferaram tanto jornais efêmeros quanto duradouros. Vários brasileiros recorreram ao jornalismo para a divulgação de uma vasta gama de crenças e atividades (HAHNER, 1981, p. 51).

Outra criação de destaque foi a *Revista Aurora*, que, como o próprio nome sugere, representava um novo amanhecer para a produção cultural do Rio Grande do Norte. Palmyra utilizava esse espaço para discutir temas variados, desde literatura até questões mais amplas, como a posição da mulher na sociedade e os desafios enfrentados pela educação. Essa publicação tornou-se um símbolo da sua determinação em criar redes de diálogo intelectual, conectando vozes diversas do estado.

Além dessas revistas, Palmyra Wanderley também colaborou regularmente com outros veículos da imprensa potiguar, como jornais e colunas literárias. Sua presença na mídia impressa era marcada por um estilo que mesclava sensibilidade artística com um olhar crítico, abordando temas que iam desde a cultura até as questões sociais que afligiam o Rio Grande do Norte e o Brasil de sua época.

Nos anos 20, Palmyra começa a escrever crônicas no jornal A República, divulgando ideias feministas. Além de ser incentivadora desses conceitos, orientava e aconselhava suas leitoras sobre a importância de ler bons livros, indispensáveis à formação intelectual e moral da mulher. Questões essas que estavam em processo de formação na província, e ganhariam ânimo após a vinda de Bertha Lutz (ativista do feminismo, bióloga e política brasileira) a Natal em meados dos anos 20 (GONZAGA, 2018).

A atuação de Palmyra Wanderley na imprensa potiguar consolidou-a como uma figura essencial na construção da identidade cultural do estado. Suas publicações não apenas deram voz a escritores locais, mas também promoveram discussões que ecoaram além das páginas das revistas, inspirando gerações de leitores e intelectuais. Segundo Mamede (1983), as contribuições de Wanderley são fundamentais para compreender o impacto da mulher na imprensa do período.

Hoje, o legado de Palmyra Wanderley na imprensa é lembrado como um marco da força feminina na construção de um campo cultural mais amplo e inclusivo no Rio Grande do Norte. Suas contribuições continuam a ser celebradas como um exemplo do impacto que a dedicação à cultura e ao pensamento crítico pode ter em uma sociedade em constante transformação.

6 PALMYRA WANDERLEY E O PRESTÍGIO DO NOME "Y"

Dentre todas estas supracitadas questões, já inclusive abordadas por outros autores, uma remanesce obscura com o passar do tempo. Diz respeito ao uso do "Y" no nome de Palmyra Wanderley. A personalidade da escritora leva a crer que não era uma mera escolha estilística ou fruto de uma casualidade. Convém considerar que em um contexto histórico no qual as mulheres enfrentavam desafios para conquistar reconhecimento em espaços predominantemente masculinos, o "Y" conferia um certo prestígio e distinção, alinhando-se ao ambiente elitizado e intelectual da época.

No início do século XX, quando Palmyra iniciou sua trajetória, a imprensa literária e cultural do Brasil ainda era marcada por códigos que reforçavam uma hierarquia entre gêneros e classes sociais. A literatura feminina, por exemplo, frequentemente era vista com desdém ou relegada a um papel secundário. Nesse cenário, escritoras como Palmyra precisavam buscar formas de legitimar sua presença e sua voz em espaços que eram tradicionalmente dominados por homens.

A escolha do "Y" em seu nome possivelmente funcionava como uma estratégia simbólica e prática. A letra, exótica e pouco comum no português da época, emprestava ao nome uma aura de sofisticação e modernidade, distinguindo-a das "mulheres comuns". O "Y" evocava um cosmopolitismo associado às elites culturais e intelectuais, o que favorecia sua aceitação no meio literário e jornalístico. Além disso, o nome escrito dessa forma criava uma

imagem que dialogava com a percepção de uma artista refinada, uma intelectual que transcendia os limites do ordinário.

Essa prática não era exclusiva de Palmyra Wanderley. Outras mulheres da época também recorriam a elementos estilísticos em seus nomes ou pseudônimos para driblar os preconceitos da sociedade patriarcal. Entretanto, o caso de Palmyra destaca-se pela consistência com que ela utilizava essa marca pessoal em suas obras, assinaturas e publicações, consolidando uma identidade que dialogava diretamente com o prestígio cultural da imprensa e do meio literário da época.

É importante notar que essa escolha também refletia as tensões sociais e culturais da época. Enquanto o "Y" lhe conferia uma posição de destaque, ele também evidenciava as barreiras que as mulheres enfrentavam para serem levadas a sério em suas produções intelectuais. Palmyra, ao adotar o "Y", demonstrava uma consciência aguda de como navegar nas expectativas sociais para construir sua imagem pública e garantir a circulação de sua voz em espaços de maior relevância.

Assim, o uso do "Y" no nome de Palmyra Wanderley não era apenas um detalhe ortográfico, mas uma declaração implícita de que ela compreendia os jogos de poder simbólico que permeavam a imprensa e a literatura. Mais do que um ornamento, a escolha foi uma ferramenta estratégica para afirmar-se em um campo cultural que, muitas vezes, negava às mulheres o mesmo prestígio concedido aos homens.

Dessa forma, o "Y" no nome de Palmyra não apenas a distinguia, mas também carregava o peso de um símbolo de resistência e afirmação em um tempo em que mulheres como ela precisavam lutar não apenas por espaço, mas por reconhecimento e respeito como produtoras de cultura e conhecimento.

6 OCASO

Passado o auge charmoso dos anos 1920, Palmyra distancia-se das obras mais robustas. Tendo escrito “Esmeraldas” em 1918 e “Roseira Brava” em 1929, as obras mais expressivas de sua lavra, Palmyra, aos poucos, penetra na obscuridade do anonimato. Em parte devido ao casamento, ocorrido em 1940 com Raimundo França. Além das duas supraditas obras, o que se tem são textos menores publicados em periódicos da Primeira República. Em 1965 é publicada a segunda edição de “Roseira Brava”.

A história e a memória nacional brasileira, tantas vezes, são cruéis com seus nomes. De acordo com Wanda Wanderley Mussi, prima de Palmyra, em entrevista ao jornal Diário de Natal em maio de 1993, Palmyra ficou em choque ao saber que sua situação financeira era desesperadora, muito por responsabilidade de seu marido, Raimundo França. Ele havia dilapidado cada centavo que Palmyra herdara dos pais. O peso da notícia veio acentuar uma arteriosclerose cerebral que a levaria à morte. Doente e pobre, Palmyra amargou o esquecimento e a ingratidão.

Quando adoeceu, ninguém mais a visitava. Muitos amigos, alguns de anos e anos, diziam que não a visitavam para não sofrer. Queriam lembrá-la como a conheceram, no apogeu da beleza e do prestígio. Quando ela mais precisava do carinho dos amigos, foi abandonada por todos. [...] Ainda hoje me lembro do tom daquelas vozes capciosas que se desculpavam e fugiam do dever de confortar uma amiga do sofrimento (MUSSI *apud* ROQUE, 1993, p. 8).

Gonzaga (2018) informa que em 19 de novembro de 1978 Palmyra faleceu muito pobre, sozinha e esquecida na mesma cidade que a viu transcender muitos anos antes. E acrescenta:

Tendo publicado apenas dois livros, deixou muita coisa inédita, versos, crônicas, teatro, conferências e novelas. Mulher antenada ao seu tempo, percebeu toda a movimentação na sua cidade e produziu bastante, inclusive muito material de circunstância, o que talvez tenha deixado sua obra poética irregular; todavia, é notório que ela foi bastante louvada em seu auge, não apenas no Rio Grande do Norte, mas também, como já dissemos, teve seu valor reconhecido em outros estados, como Pernambuco e Paraíba (GONZAGA, 2018).

A imprensa local registrou, modestamente, em suas páginas, a morte de Palmyra Wanderley, bem como seu velório e sepultamento. Melo (1984) informa que Palmyra deixou inúmeros trabalhos inéditos como “Neblina na vidraça” (versos), “Minha canção auriverde” (versos), “Panorama histórico” (prosa e verso), “Ecos do bicentenário” (prosa), “Espelho partido” (versos), “A dama do século” (conferência), “O sonho da menina sem sonho” (teatro), “Madame Laiseus” (conferência) e “Vidro de muitas cores” (crônica) entre outros.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ficou claro, de acordo com as fontes pesquisadas, que Palmyra Wanderley ocupou um papel central no cenário cultural potiguar durante as primeiras décadas do século XX. Sua contribuição, seja na literatura, seja na imprensa ou mesmo na militância feminista foi

significativa para a consolidação de um espaço que até então era amplamente dominado por homens. Com sua escrita sensível e inovadora, Palmyra trouxe à tona temas que dialogavam com a realidade de seu tempo e lançou luz sobre questões femininas em um contexto de evidente exclusão social e cultural.

No entanto, apesar de sua relevância e das marcas que deixou na história da cultura potiguar, Palmyra Wanderley enfrentou um destino marcado pelo esquecimento. Os relatos de sua vida no final de sua trajetória, permeados por doença e pobreza, refletem não apenas a negligência de sua época em relação às mulheres que se destacavam intelectualmente, mas também a fragilidade dos mecanismos de preservação da memória cultural em nossa sociedade. Desta maneira, as hipóteses iniciais foram corroboradas.

Ao elencar seus mais relevantes dados biográficos, autorais e sua atividade no que se convencionou chamar de feminismo literário, cumpriram-se os objetivos traçados para o presente estudo.

A análise de sua vida e obra não apenas resgata a importância de Palmyra Wanderley como uma figura literária e jornalística de destaque, mas também aponta para a necessidade de reavaliar como os legados culturais femininos são reconhecidos e valorizados. Sua trajetória, embora interrompida por adversidades, permanece um testemunho da força criativa e da resistência das mulheres no cenário artístico e intelectual do Rio Grande do Norte. Assim, este trabalho contribui para a revalorização de sua memória e para a reflexão sobre os desafios ainda presentes na busca por equidade e justiça histórica.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- ARISTÓTELES. **Política**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ARMSTRONG, K. **A História de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- BERMAN, M. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.
- CARVALHO, J. M. **Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Alma patricia** (crítica literária), 2a edição. Natal: Fundação José Augusto, 1998.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Meus Verdes Anos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- DUARTE, Constância Lima. **Escritoras Brasileiras do Século XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Cunha Pereira de. **Literatura do Rio Grande do Norte**: antologia. Natal: Governo do Estado do Rio Grande do Norte, Editora UFRN, 2003.
- EUSTÁQUIO, Daniella Lago Alves Batista de Oliveira. **Palmyra Wanderley: a cigarra dos trópicos**. 2015. 193 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015. Disponível em: file:///C:/Users/usuario/Downloads/PalmyraWanderleyCigarra_Eustaquio_2015.pdf. Acesso em: 25 jun. 2023.
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- GONZAGA, Thiago. Palmyra Wanderley, a maior feminista do RN. 2018. Disponível em: <https://papocultura.com.br/palmyra-wanderley-feminismo-no-rn/>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- MEDEIROS Filho, João. **Contribuição à História Intelectual do Rio Grande do Norte**, Vol. I. Natal: 1983.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- GONZAGA, Thiago. **Palmyra Wanderley, a maior feminista do RN**. 2018. Disponível em: <https://papocultura.com.br/palmyra-wanderley-feminismo-no-rn/>. Acesso em: 21 ago. 2019.
- GURGEL, Tarcísio. **Literatura Potiguar: História e Antologia**. Natal: Sebo Vermelho, 2006.
- HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

MAMEDE, Z. Estudos sobre Literatura Potiguar. Natal: EDUFRRN, 1983.

MELO, Veríssimo de. **Patronos e acadêmicos**: antologia e biografia. v. 2. Rio de Janeiro: Pongetti, 1984.

PRADO JÚNIOR, C. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1945.

ROQUE, Franklin Jorge. Os últimos dias de Palmyra Wanderley. Diário de Natal. DN/Revista. Natal, 1993.

SALIBA, E. T. **Raízes do Riso**: a representação humorística na história brasileira (1830-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Sodré, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

Toledo, E. **A Primeira República**: economia e sociedade. São Paulo: Hucitec, 1999.

VIA-LÁCTEA. Revista literária, em formato de apostila, editada pelas primas Palmyra e Carolina Wanderley, em Natal, 1914.

WOOLF, V. **Um Teto Todo Seu**. São Paulo: Autêntica Editora, 1929.